

O Propósito de Deus na História da Redenção

No capítulo 1 eu disse que o propósito final de Deus em tudo o que ele faz é preservar e mostrar a sua glória. Inferi disso que ele está em primeiro lugar em seus próprios sentimentos. Ele preza e se alegra em sua própria glória, acima de todas as coisas. Este apêndice traz evidências bíblicas para essa afirmação. Esta é uma breve pesquisa dos pontos principais da história da redenção, investigando por que Deus faz o que faz.

Primeiro, um comentário sobre terminologia.

Na Bíblia, o termo "glória de Deus" geralmente se refere ao esplendor visível ou à beleza moral da perfeição multiforme de Deus. É uma tentativa de expressar com palavras o que não pode ser contido por palavras — como Deus é em sua magnificência e excelência revelada.

Outro termo que pode significar praticamente a mesma coisa é "o nome de Deus". Quando a Bíblia fala de fazer algo "por amor ao nome de Deus", isso quer dizer praticamente a mesma coisa que "para sua glória". O "nome" de Deus não é uma mera etiqueta, mas uma referência ao seu caráter. O termo "glória" simplesmente deixa mais explícito que o caráter de Deus é realmente magnífico e excelente.

O que segue é uma visão geral de alguns pontos principais da história da redenção, em que a Bíblia deixa claro o propósito de Deus.

ANTIGO TESTAMENTO

A criação - (Gn 1.26, 27).

A história bíblica da redenção atinge seu clímax com a criação do ser humano (homem e mulher) à imagem de Deus. Quatro coisas devem ser observadas nesse ato:

- 1) o ser humano foi criado como última das obras de Deus e, por isso, é a criatura mais importante;
- 2) apenas com relação ao ser humano se diz que foi feito à imagem de Deus;
- 3) somente quando o ser humano está em cena como imagem de Deus o escritor diz que a criação é muito boa (1.31);
- 4) ao ser humano é dado domínio e a ordem de subjugar e encher a terra (1.28).

Qual é o propósito do ser humano aqui?

De acordo com o texto, a criação foi feita para o ser humano.

Porém, como Deus fez o ser humano semelhante a Si mesmo, o ato do homem de dominar o mundo e enchê-lo equivale a mostrar Deus — apresentar a imagem dele. O objetivo de Deus, portanto, era que o ser humano agisse de modo que espelhasse Deus, que tem o domínio supremo. Ao ser humano é dada a posição elevada de portador da imagem, não para que ficasse arrogante e autônomo (como tentou fazer por ocasião da queda), mas para que refletisse a glória de quem o fez, cuja imagem traz em si. O propósito de Deus na criação, portanto, era encher a terra com sua própria glória. Isso fica claro, por exemplo, em Números 14.21 e Isaías 43.7.

A torre de Babel - (Gn 11.1-4).

O propósito dessa história é mostrar como o ser humano caído pensava, e ainda pensa. Em contraste, ela mostra também o propósito de Deus para o ser humano. A frase-chave é: "Tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra" (v. 4).

O instinto da autopreservação no ser humano caído busca sua realização não pela confiança em Deus, exaltando assim o nome dele, mas recorrendo à sua própria genialidade humana, para tornar célebre o próprio nome.

Isso contrariava o propósito de Deus para o ser humano, e por isso ele frustrou esse esforço — e desde então o tem frustrado, às vezes mais, às vezes menos. O propósito de Deus era receber o crédito pela grandeza do ser humano, e que este dependesse dele. Isso ficará mais evidente quando olharmos para o que Deus fez a seguir na história da redenção.

O chamado de Abraão - (Gn 12.1, 2).

Nesse que é um dos pontos essenciais na maneira de Deus lidar com a raça humana, ele chama Abraão e começa a tratar com o povo de Israel. Há um contraste claro entre o que Deus diz aqui e o que aconteceu na torre de Babel. Deus diz que ele tornará grande o nome de Abraão, em contraste direto com Gênesis 11.4, em que o ser humano quis engrandecer seu próprio nome.

A diferença principal é esta: quando o ser humano se propõe tornar seu próprio nome famoso, ele credita a Si mesmo suas realizações e não dá glória a Deus. Mas quando Deus se propõe tornar uma pessoa famosa, a única resposta apropriada é confiança e gratidão por parte da pessoa, que devolve toda a glória a Deus, a quem ela pertence. Abraão provou ser bem diferente dos construtores da torre de Babel, porque (como vimos em Gn 15.6) confiou em Deus.

Em Romanos 4.20, 21, o apóstolo Paulo nos mostra a ligação entre a fé de Abraão e a glória de Deus: "[Abraão] não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera".

Assim, em contraste com os construtores da torre de Babel, os filhos de Abraão foram escolhidos por Deus para ser um povo que confia nele e, assim, lhe dão glória. É isso o que Deus diz em Isaías 49.3: "Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado".

O êxodo

Depois do período dos patriarcas (Abraão, Isaque, Jacó), registrado no restante do livro de Gênesis, o povo de Israel passou várias centenas de anos aumentando no Egito, onde acabou se tornando escravo.

Então clamaram a Deus por misericórdia. Em resposta, Deus se propôs libertá-los pela mão de Moisés, para conduzi-los através do deserto até a terra prometida de Canaã. O propósito de Deus nessa libertação do Egito está registrado em várias passagens além das de Êxodo — por exemplo, em Ezequiel e em Salmos: (Ez 20.5-9 e SL 106.6-8).

Fica claro que a libertação do Egito não se deveu ao valor dos israelitas, mas ao valor do nome de Deus. Ele agiu "por amor ao seu nome".

Isso também fica claro na história do êxodo em si, em Êxodo 14.4, 18.

O propósito de Deus é agir para levar as pessoas a reconhecer sua glória e confessar que ele é o único Senhor do universo. Por isso, o grande evento do êxodo, que se tornou um paradigma de todas as ações salvíficas de Deus, tinha a intenção de deixar claro para todas as gerações que o propósito de Deus com Israel era glorificar a Si mesmo e criar um povo que confiasse nele e se alegrasse em sua glória.

A entrega da lei

Quando Israel chegou ao monte Sinai, Deus chamou Moisés para o topo do monte e lhe deu os dez mandamentos e outras normas para a nova comunidade social.

Encabeçando essa lei está Êxodo 20.3-5.

Quando Deus diz que não devemos ter outros deuses além dele e que ele é um Deus ciumento, quer dizer que seu objetivo principal ao dar a lei é que lhe demos a honra que só ele merece. Ele acabara de se mostrar gloriosamente gracioso e poderoso no êxodo; agora simplesmente exige na lei uma resposta adequada por parte do seu povo — que o amemos e cumpramos seus mandamentos.

Amar a Deus não significa suprir suas necessidades, antes, alegrar-se nele e ser cativado por seu glorioso poder e graça, e valorizá-lo acima de todas as coisas na terra. Todos os demais mandamentos são coisas que faremos de coração, se nosso coração estiver verdadeiramente feliz com a glória da graça de Deus e descansando nela.

A peregrinação pelo deserto

Deus teve bons motivos para destruir seu povo no deserto, por causa da repetida murmuração, incredulidade e idolatria deles. Porém mais uma vez o Senhor detém sua mão e os trata com bondade, por amor do seu próprio nome: (Ez 20.21, 22; cf. v. 13, 14).

Essa motivação de Deus em preservar seu povo no deserto é a mesma que aparece na oração de Moisés pelo povo, quando Deus estava a ponto de destruir o povo: (Dt 9.27-29; Nm 14.13-16; Êx 32.11-14).

Moisés apelou à promessa que Deus fizera aos patriarcas e argumentou com Deus que com certeza ele não queria que seu nome fosse ridicularizado, o que certamente aconteceria se Israel perecesse no deserto. Os egípcios diriam que Deus não fora capaz de levá-los a Canaã! Ao permitir que Moisés orasse dessa maneira, Deus deixa claro que sua decisão de reter sua ira contra Israel foi por amor do seu próprio nome.

A conquista de Canaã

O livro de Josué narra como Deus deu ao povo de Israel a vitória sobre os povos que habitavam a terra de Canaã. No fim do livro, encontramos a chave para a razão por que Deus fez isso por seu povo: (Js 24.12-14).

As palavras "agora, pois, temei ao Senhor" são uma inferência da graça de Deus em dar a terra a Israel. A lógica mostra que o propósito de Deus ao dar-lhes a terra era que temessem e honrassem somente a ele. Em outras palavras, ao dar a Israel a terra de Canaã, Deus quis criar um povo que reconhecesse sua glória e se alegrasse nela acima de todas as coisas. Esse propósito é confirmado na oração de Davi registrada em 2Samuel 7.23.

Os primórdios da monarquia

Depois de um período sob juízes (narrado no livro com esse título), Israel pediu um rei. Apesar de a motivação para isso ser errada (Israel queria ser como as outras nações), Deus não destruiu o seu povo. O motivo desse gracioso ato de misericórdia é apresentado em I Samuel 12.19-23:

Todo o povo disse a Samuel: Roga pelos teus servos ao Senhor, teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei. Então, disse Samuel ao povo: (1 Sm 12:20-25).

Aqui a preservação do povo, apesar de seu pecado configurar o início da monarquia, deve-se ao propósito de Deus de preservar e mostrar a honra do seu nome. Seu objetivo é superior.

Outra maneira de Deus mostrar sua misericórdia durante a monarquia foi pela condução ao trono de um homem segundo o seu coração: um rei cujo objetivo era o mesmo de Deus. Vemos isso na maneira de Davi orar. No salmo 25.11 ele diz: "Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande". E, no mais famoso salmo de todos, Davi diz que a motivação de Deus ao liderar seu povo é a glória do seu nome: "Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome" (Sl 23.3).

O templo de Deus

Os livros de 1 e 2Reis contam a história de Israel desde Salomão, filho de Davi, que construiu o templo de Deus, até o cativo babilônico. Esse foi um período de mais ou menos quatrocentos anos, terminando em 587 a.C. Em 1 Reis 8 temos a oração de Salomão dedicando o templo recém construído, que inclui estas palavras: (1 Rs 8.41-45).

Essa oração mostra que a intenção de Salomão ao construir o templo — em concordância com o propósito de Deus: "O meu nome estará ali!" (v. 29) — era que o nome de Deus fosse exaltado e todas as nações conhecessem e temessem a Deus.

Libertação na época dos reis

Após a morte de Salomão, o reino de Israel foi dividido em dois, o do Norte e o do Sul. Um exemplo de que a graça de Deus continuou sobre o seu povo durante esse tempo, bem como seu propósito de ser glorificado e de preservar a honra do seu nome, evidencia-se na maneira como ele interveio quando Ezequias era rei de Judá, nos últimos anos do século VIII a.C. Os assírios, liderados por Senaqueribe, tinham vindo contra o povo de Judá. Ezequias, então, orou ao Senhor por libertação. O profeta Isaías trouxe a resposta de Deus, registrada em 2Reis 19.34.

Exílio e promessa de restauração

Por fim, por volta de 587 a.C, Jerusalém caiu diante dos babilônios que invadiram o país (o reino do Norte tinha ido para o exílio com os assírios em 722 a.C). O povo de Judá foi deportado para a Babilônia. Parecia que Deus tinha desistido de seu povo Israel. Mas se esse fosse o caso, como ficaria seu santo nome, do qual ele tivera tanto ciúme durante todos aqueles séculos?

Logo descobrimos que Deus não terminou com seu povo, mas será misericordioso mais uma vez. E mais uma vez, como Isaías deixa claro, os propósitos de Deus são os mesmos de sempre: (Is 48.9-11). De modo semelhante, Ezequiel, que foi profeta durante o exílio babilônico, fala da misericordiosa restauração que Deus operará e por que o fará: (Ez 36.22, 23, 32).

A salvação não é base para vangloriar-se do seu valor diante de Deus. É uma ocasião para humilhação própria e júbilo na gloriosa graça de Deus em seu favor — uma graça que nunca depende da nossa distinção mas flui do desejo supremo de Deus de engrandecer sua própria glória, em prol do seu povo.

Os profetas pós-exílicos

Zacarias, Ageu e Malaquias profetizaram após o retorno de Israel do exílio, e constituem os últimos escritos do período do Antigo Testamento. Cada um deles deixa entrever a convicção de que o objetivo de Deus depois do exílio continua sendo sua própria glória.

Zacarias profetizou em relação à reconstrução de Jerusalém:

"Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória" (Zc 2.5).

Ageu traz a mesma afirmação: "Edificai a casa [...] e serei glorificado" (Ag 1.8).

Malaquias criticou a maldade dos sacerdotes no novo templo: Eles "não propuseram no coração dar honra ao meu nome" (Ml 2.2).

NOVO TESTAMENTO

Passando do Antigo Testamento para o Novo, mudamos de uma época de promessa para uma época de cumprimento. O Messias esperado tinha vindo: Jesus Cristo. O objetivo supremo de Deus, porém, não tinha mudado, apenas algumas circunstâncias de como ele o está realizando.

Vida e ministério de Jesus

Dois textos do evangelho de João mostram que a vida e o ministério de Jesus foram dedicados a glorificar seu Pai no céu. (João 17.4, 7.18)

Por isso, podemos dizer com convicção que o desejo que consumia Jesus, seu propósito mais importante na terra, era glorificar seu Pai no céu, fazendo a vontade dele (Jo 4.54).

A morte de Jesus

Em João 12.27, 28, Jesus como homem pondera sobre o sofrimento a seguir, mas rejeitou essa alternativa, sabendo que exatamente pela morte ele consumiria sua missão de glorificar o Pai. O propósito da morte de Jesus era glorificar o Pai. Estar disposto, como Filho de Deus, a sofrer pessoalmente a perda de tanta glória a fim de reparar a injúria feita à glória de Deus pelo nosso pecado mostrou como a glória de Deus é infinitamente valiosa. É verdade que a morte de Cristo também mostra o amor de Deus por nós. Mas nós não estamos no centro.

Deus expôs seu Filho na cruz. (Rm 3.25). Em outras palavras, ao perdoar o pecado no Antigo Testamento e por tolerar muitos pecadores, Deus dera a impressão de que sua honra e glória não tinham valor infinito. Agora, para afirmar a honra do seu nome e o valor da sua glória, ele exigiu a morte do seu próprio Filho. Assim Cristo sofreu e morreu pela glória do seu Pai. Isso demonstra a justiça de Deus, porque a justiça de Deus é seu compromisso inamovível de preservar o valor da sua glória.

A vida cristã

A ação de Cristo em favor da glória de Deus leva inevitavelmente à conclusão de que o propósito de Deus para o seu povo recém-redimido, a igreja, é que o objetivo da nossa vida seja glorificar a Deus. Paulo deixa isso explícito em I Coríntios 10.31.

Pedro mostra que todo o nosso serviço como cristãos tem por objetivo que Deus seja glorificado como aquele que nos capacita a fazer todas as coisas boas: (I Pe 4.11).

E quando Jesus estava instruindo seus discípulos sobre o objetivo que deveriam ter na vida diária, ele disse, em Mateus 5.16.

A segunda vinda e o fim

Em 2 Tessalonicenses 1.9, 10, a segunda vinda de Cristo é descrita como esperança e terror. Jesus Cristo está voltando não apenas para efetuar a salvação definitiva do seu povo, mas para, por meio dessa salvação, ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram. Um comentário final diz respeito ao clímax da história no livro de Apocalipse. João retrata a nova Jerusalém, a igreja glorificada, em 21.23.

Deus Pai e Deus Filho são a luz na qual os cristãos viverão sua eternidade. Assim se consuma o objetivo de Deus em toda a história — que era revelar sua glória para que todos pudessem ver e louvá-la. A oração do Filho confirma o propósito final do Pai: (Jo 17.24).

Conclusão

O que podemos concluir desta visão panorâmica da história da redenção?

Podemos concluir que o propósito primordial de Deus é glorificar a Deus e alegrar-se em Si mesmo para sempre. Ele permanece supremo no centro dos seus próprios sentimentos e emoções. E exatamente por essa razão ele é uma fonte de graça inexaurível e suficiente em Si mesma.